

Francisco de
Sá de Miranda

Os Estrangeiros

comédia

Os Estrangeiros

COMÉDIA

AO INFANTE CARDEAL DOM HENRIQUE

No que V. A. manda, que se pode dizer mais? A Comédia qual é, tal vai, aldeã e mal ataviada. Esta só lembrança lhe fiz à partida, que se não desculpassem de querer às vezes arremedar Plauto e Terêncio, porque em outras partes lhe fora grande louvor, e se mais também lhe acoimassem a pessoa de um Doutor, como tomada de Ludovico Ariosto, que lhes pusesse diante os três advogados de Terêncio, dos quais um nega, outro afirma, o terceiro duvida, como inda cada dia acontece: assi que dêz aquele tempo vem já o furto. Não se enganem co nome de Doutor, novo, bárbaro e presuntuoso, como são muitos títulos, assi dos escritores, como das obras de nossos tempos, tão diferentes do comedimento dos passados, como foi o de Filósofo dado por Pitágoras. Túlio com que ameaçava já seu amigo Trebácio, tamanho jurisconsulto, sendo com as graças de Labério? E Horácio com quantas de suas graças passa um sermão co mesmo Trebácio? A Comédia, tão estimada nos tempos antigos,

que aí disseram aqueles grandes engenhos que era, sendo ùia pintura da vida comum? À dos Príncipes se repartiu a Tragédia. Todos estes, e outros muitos inconvenientes eu passava levemente; o mais que arreceava eram más interpretações a cada passo, às quais quem pode fugir, se té os hereges quantos são também trazem a Sagrada Escritura em sua ajuda interpretando mal, e o diabo também. A isto tudo houvera algum remédio, que era o do fogo; mas ao mandado de V. A. que farei salvo obedecer? e pedir-lhe que empare estes Estrangeiros como fazem os grandes Príncipes, e de cujo emparo somente confiam os que vão por terras alheas. Eu não vou pedindo salvo perdão; este pelo provérbio grego é devido no começo das cousas. Nosso Senhor sua vida e real estado, etc.

PESSOAS DA COMÉDIA:

A MENTE, *mancebo*.
ALDA, *moça de servir*.
DÓRIO, *casamenteiro*.
DEVORANTE, *truão*.
PETRÓNIO, *doutor*.
GUIDO, *mercador*.
VIDAL, *servidor*.
CASSIANO, *ato*.
AMBRÓSIA, *velha*.
BRIOBRIS, *soldado*.
CALÍDIO, *mancebo de serviço*.
SARGENTA, *mulher de serviço*.
GALBANO, *velho*.
REINALDO, *velho*.

PRÓLOGO

Estranhais-me, que bem o vejo: que será? que não será? que entremez é este? Foi grã dita que não apodais já, mas não há-de falecer quem me arremede. Os Portugueses sois assi feitos logo pola primeira, despois dareis o sangue dos braços. Agora parece que me estranham ainda mais. Parece-vos que não diz a fala cos trajos? Esperáveis deles alguns triques troques. Ora me ouvi, dir-vos-ei quem sou, donde venho, e ao que venho. Quanto ao primeiro, sou ùa pobre velha estrangeira, o meu nome é Comédia; mas não cuideis que me haveis por isso de comer, porque eu naci em Grécia, e lá me foi posto o nome, por outras razoes que não pertencem a esta vossa língua. Ali vivi muitos anos a grande meu sabor; passaram-me despois a Roma, pera onde então, por mandado da fortuna, corria tudo. I cheguei a tanto que me não faleceu um nada de ser Deusa; despois a grandeza daquele Império que parecia pera nunca acabar, todavia acabou. E assi como a sua queda foi grande, assi levou tudo consigo, ali me perdi eu com muitas das boas artes, e aí jouvemos longo tempo como enterradas, que já quase não havia memória de nós, té que os vizinhos em que duns nos outros ficara algũa lembrança cavaram tanto que nos tornaram à vida, maltratadas porém, e pouco para ver. Agora que já íamos (como dizem) ganhando pés, sentiu-nos logo aquela nossa imiga

poderosa, que nos da outra vez destruíra, foi-se lá, pôs outra vez tudo por terra. Bem entendeis que digo pola guerra, imiga de todo bem. Venho fugindo, aqui neste cabo do mundo acho paz, não sei se acharei assossego. Já sois no cabo e dizeis ora: não mais, isto é auto! e desfazeis as carrancas; mas eu o que não fiz até agora, não queria fazer no cabo de meus dias, que é mudar o nome. Este me deixai por amor da minha natureza, e eu dos vossos versos também vos faço graça, que são forçados daqueles seus consoantes. Eu trato cousas correntes, sou muito clara. Folgo de aprazer a todos. Direis vós que não é muito boa manha de dona honrada; direis que Portugueses sois. Finalmente a mim nunca me aprouveram escuridões, nem falo senão para que me entendam; quem aí quiser não fale, e tirará de trabalho a si e a outrem. Muitas contas vos dou de mim logo de boa entrada. Cuidáveis que não havia de trazer de mulher senão o traje? Ora vistes que também trouxe a língua. Agora sabeis que inda havemos de fazer um caminho longo. Já ouviríeis falar de Palermo, cidade nobre em Sicília; i vos hei-de dar a mostra da minha tenda, por que lá sejais também estrangeiros. Cuidais que gracejo? O meu poder é mor do que pola ventura cuidais, não me tenhais em pouco por me verdes assi tão conversável; não se mova ninguém, assegurai-vos. Vedes-nos em Palermo, todos a salvamento. Ora daquelas casas defronte sairá um mancebo valenciano por nome Amente; a este segue um seu aio que o vigia quanto pode,

e destes e doutros sabereis o mais, que eu lhes mandei a todos que falassem Português; e por que ouçais cos corações repousados, eu vos tornarei donde vos trouxe, já sabeis que o posso fazer. Ouvi e favorecei-me.

ACTO I

CENA I

AMENTE. CASSIANO.

AM. – Já vens após mim, Cassiano? Que me queres? Por vida se pode haver um tão pesado cativo?

CAS. – Cativo chamas tu ao teu remédio? Assi fazeis vós outros a tudo, mudais os nomes como quereis e ficais contentes: eu, Amente, eu sou o cativo, que me trazes sempre após ti por onde queres.

AM. – Ainda os escravos tem horas livres, tem suas festas; eu sempre hei-de fazer debaixo deste jugo. Que me queres? Queres-me acabar de matar?

CAS. – Mas tu que queres? Queres-te acabar de perder? Ó Amente, quão mal te ensinou a minha mansidão!

AM. – Como? Sempre hei-de ser menino?

CAS. – Agora te é a ti mais necessário o teu aio, que nunca.

AM. – Não me dirás que me queres?

CAS. – Guardar-te, que este é o meu cargo, como me encomendou teu pai.

AM. – De que me hás-de guardar?

CAS. – Da tua doudice, pois queres que to diga.

AM. – Cuidas que te hei-de fugir?

CAS. – Não andas tu nesses tratos. De Palermo não fugirás tu, mas de mim sim. Ora já que tu fazes o que não deves, deixa-me a mim fazer o que devo.

AM. – Que desventura tamanha foi a minha!

CAS. – À boa companhia e bons conselhos de seu aio chama este ora cativo, ora desventura. Não suspires, crê-me que te hei-de seguir como a tua sombra.

AM. – Essa não me segue polo escuro, e tu si. Mas não estemos mais nestes debates, antes me tornarei a casa. I que mal posso fazer? Tu guarda a porta, se quiseres.

CENA II

CASSIANO, *só*

I! lá tomar cuidado de filhos alheos. Onde há isto de ir ter? Que se fez do acatamento que estes moços soíam de ter a seusaios, que não somente lhe ousavam de levantar os olhos? Agora vedes em que mundo somos, que às vezes vos cumpre fazer que não vedes, e outras que não ouvis. A doudice não sabe ter meio. A tanto são chegados, que gracejam e dizem que já se não costumamaios, como se fossem trajos curtos, ou longos, e dos velhos dizem que cantam por uia corda e por fabordão. Oh! pois que música a sua deles, e que contraponto! Muitos escárnios, muitas mentiras, pouca verdade, menos vergonha! Beijam-vos as mios cem mil contos de

vezes; cedo hão-de beijar também os pés como ao Papa, se ele não acode por seu estado. Entregam-se-vos por escravos cos ferros nos pés e cos ferretes nas testas; então quando os requireis, foi a mor mofina do mundo, porque aquilo só não podem. Ora da outra parte cotejai o canto-chão dos nossos velhos, o seu si polo si, polo não não, o seu rego vai, rego vem, o seu dizer e fazer, qual haveis por melhor música? Digo-vos em boa verdade que o de agora tudo parece escárnio quanto vedes; porém não se lancem os pais de culpa, que os criam tanto na vontade. Todos somos enfeitçados co estes filhos; depois que os danam, encomendam-no-los. Quanto há que partimos de Valença, íamos para Rodes, nosso amo quisera encostar este filho àquela religião; estando aqui esperando passagem, vieram novas do cerco. Agora já dizem mais da tomada; temos gastado muito do tempo, e o dinheiro todo. Este moço namorou-se-me aqui e perdeu o siso, eu ando em vésperas de perder também o meu co ele. Tenho escrito a seu pai que acuda, espero sua reposta; entretanto ando assim tendo-me ao mar. Esta doudice dos amores nace de ociosidade, e nela se mantém; esta ao menos lhe queria tirar, e por isso o persigo co a minha presença. Ao menos, não falará tanto co aquele seu grande privado Calídio.

CENA III

ALDA. AMBRÓSIA

AL. – Assi é como dizes, minha tia Ambrósia, mas andemos mais, que faço já grande detença.

AMB. – Bem dizes, Alda filha, se eu pudesse, mas vou muito carregada.

AL. – De quê, tia?

AMB. – De oitenta anos que trago às costas, e pesam muito.

CAS. – À míngua daquela cárrega, anda meu criado Amente tão leve.

AL. – Mal é esse que todos desejamos.

AMB. – Com muitos outros de companhia que tu não dizes.

AL. – Que tais?

AMB. – Estes homens, filha, principalmente.

AL. – Gracejas, tia?

AMB. – Gracejar dizes? Antes te esconjuro mil vezes que te não ponha ninguém medo com outras almas pecadoras.

AL. – Não serão todos tão maus.

CAS. – Já aquela jazi. Medo hei que a velha acuda já tarde ao arrollo.

AMA. – Todas queremos fazer essa experiência de novo: então, filha, quantos queixumes!

AL. – Ditosa é logo esta tua Lucrecia, que tantos

aqui andam bebendo os ventos por ela.

AMB. – Assi queira Deus que não se solte tudo em ventos.

CAS. – Como velha, prática e sesuda.

AL. – É o Doutor Petrônio tão rico!

AMB. – Bem o sei, mas tu dizes tão rico, e não dizes tão calvo.

AL. – Diz que a tomará em camisa.

CAS. –E se vierem aos lanços, meu criado Amende a tomará nua.

AL. – E a isso cuido que és agora chamada, porque o Doutor aperta muito.

CAS. – Que me matem se esta não é a paixão em que agora anda o doudo de meu criado Amende.

A MB. – Aquele dom Abade, tio de Lucrécia, religioso como eles soíam de ser, tanto lhe deixou do seu, que Bertrando² a pode casar sem lhe custar nada, e mais com tal ajuda de Deus como é parecer seu, e o siso.

AL. – Lá saberás tudo, não façamos mais detença.

CENA IV

CASSIANO, *só*

Se esta moça verdade conta, empresto eu a nosso amigo uns poucos de maus dias com suas noites, que o negócio do Doutor é de siso, não pera ele, mas pera Bertrando e pera a moça também, se ela é sesuda como

diz a velha. Falo como se costuma de falar, que todos nos lançamos a este proveito do Doutor; crede, se a colhe às mios, que ele terá cuidado de fechar suas portas e janelas a tempo; então deixai vós ao doudo rodear a casa e suspirar toda a noite. Vós todavia não duvideis que entretanto o sono não preste mal ao coitado do velho e desconfiado. Ah! que queremos forçar tudo, e a natureza também! Velho namorado com moça fermosa e empolada, não há i para dous dias! Depois não lhe há-de falecer outro melhor empenado, com quem logre o que lhe o velho deixar por sua alma tanto às suas custas. Mas deixemos a cada um fazer suas contas, e cuidar que as acerta. Prouvesse a Deus que visse já o casamento feito: o Doutor entraria em fadiga, eu, pola ventura, sairia dela.

CENA V

DÓRIO. CASSIANO

DÓR. – Até quando traremos nós ao pescoço este jugo dos Espanhóis? Até quando jaremos neste sono e neste esquecimento da nossa liberdade?

CAS. – Também este vem bracejando e falando consigo.

DÓR. – Quando lhe³ cantaremos nós outras vésperas secilianas, como fizemos aos Franceses? Venha (como dizem) o diabo, escolha; todavia o Francês rouba-

te e convida-te, o Espanhol sempre quer senhorear. Como se pode sofrer tanto senhor Capitão?

CAS. – Coitados que neste murmurar nos mantemos!

DÓR. – Se a terra destes é como eles dizem, que buscam na nossa? Ó ilha tão abastada e tão rica por teu mal! Mas vejo quem buscava.

CAS. – A mim se vem, não o conheço. Que me quererá?

DÓR. – Senhor meu, quando o assi por bem houvesse, releva-me muito ouvires-me duas palavras.

CAS. – Não digo eu duas, mas duas mil, se tantas mandares.

DÓR. – Pola tua humanidade e cortesia: Ora mim me chamam Dório; não sei se me conheces, mas sou muito conhecido nesta cidade, por tratar meu ofício muitos anos há com grande limpeza e fialdade.

CAS. – E que ofício é o teu?

DÓR. – Grande, e de muita confiança.

CAS. – Que tal?

DÓR. – Casamenteiro, a serviço de Deus e dos bons.

CAS. – Para tratar tamanha e tão santa cousa como é o casamento, não se podia escolher salvo pessoa das qualidades que deve de haver em ti.

DÓR. – Não polo eu merecer, mas faço todavia polo não desmerecer. E vindo ao meu caso, digo que vivendo eu aqui em paz e amor de todos, servindo meu

ofício como todo mundo sabe, agora já no derradeiro quartel da vida, um mancebo de que me dizem que tens cárrego anda de todo posto em me matar.

CAS. – Matar, ou como?

DÓR. – E mais sobre meu ofício.

CAS. – Quem te disse tal?

DÓR. – Muitos, e antre os outros ele mesmo.

CAS. – Conta-mo.

DÓR. – Passando por mim ameaçou-me mordendo um dedo da mio, e dizendo não sei que palavras.

CAS. – São bravarias de Palermo.

DÓR. – I vê homem cada dia matar muitos.

CAS. – Inda esse que dizes tem por matar o primeiro.

DÓR. – Não queria que começasse em mim.

CAS. – Justiça há na terra.

DÓR. – Depois de eu morto, quer a haja, quer não...

CAS. – Não, que a sua pele te guardará a tua.

DÓR. – A muitos a não guardou, que sei eu de quais serei?

CAS. – Não cuides somente nesse cachoparrão.

DÓR. – Esses, senhor meu, são os que eu arrecoo, que não os velhos, sesudos, lançadores de contas. Ando assi como vês metido neste mantão, ùa mão sobre a outra: que mais é matar-me a mim que a ùa ovelha?

CAS. – E por que há-de matar essa ovelha?

DÓR. – Uns pela lã, outros pela pele.

CAS. – Conhece-lo tu bem?

DÓR. – Assi o não vira nunca, nem ele a mim.

CAS. – Por te pôr esse medo te ameaçou. Agora, se a ti fosse, andaria eu mais seguro.

DÓR. – Amigo e senhor meu, mais gente mata o descuido que os cuidados. É-me necessário dar mil voltas à cidade de dia e de noute. Digo-te que hei medo aos acontecimentos, quanto mais aos propósitos.

CAS. – Tens-lhe feito algum agravo?

DÓR. – Não, que eu saiba.

CAS. – Que te diz o coração?

DÓR. – Não me sei afirmar, mas pode ser que por ir à casa de Bertrando, onde já não vou, no que recebi a perda que Deus sabe.

CAS. – De cujo mandado² ias lá?

DÓR. – Isso não posso dizer, que saio segredos do ofício, que tenho.

CAS. – E a este teu matador que lhe vai nisso? Que hás, por que cospes?

DÓR. – A longe vá mau agouro.

CAS. – Porque lhe chamei teu matador? Cala-te, que não te há por isso de matar.

DÓR. – Às vezes se dizem as palavras em tal conjunção...

CAS. – Grandes arreços trazes a esta tua vida.

DÓR. – Tenho necessidade dela para mim e toda minha gente.

CAS. – Que lhe vai esse mancebo nisso?

DÓR. – Não sei, ele o saberá.

CAS. – Ora Dório, amigo meu, quanto ao medo não sei que te faça, que não é em mim tirar-to; no mais farei quanto em mim for, não te posso prometer mais.

DÓR. – Nem eu pedir-te mais, e porém isso te peço muitas vezes.

CAS. – E eu muitas to prometo; descansa que não será nada.

DÓR. – Assi queira Deus.

CAS. – Este doudo em que anda? Cuida que pelas suas ameaças há ele de ficar por casar. Ûa hora do dia que se me furta, logo deixa rasto por onde vai; que faria, se lhe eu tanto não desse em que entender. Houve dó do pecador que se dá por morto, e tremiam-lhe os beiços que badalejava. Ora me deixai co doudo, que por isso o hei-de perseguir mais. Isto ganhará co as suas ameaças. Quero ir ver o que faz.

ACTO II

CENA I

BRIOBRIS. DEVORANTE

BR. – Assi que me tendes aqui cativo em Palermo, em tempos de paz e terra de Cristãos?

DEV. – São obras do Amor, que já fez a Hércules, conquistador do mundo, fiar e debar.

BR. – E eu que achando-me na de Ravena, Chirinola, Vicença, Milão, que viesse assi a cair nas mãos d'ua moça: que te parece?

DEV. – Assi contam que se toma o alicorne, animal tão bravo.

BR. – E assi aconteceu a Roldão e Reinaldo.

DEV. – E ontem a El-Rei Carlos, o da cabeça grande, em Piamonte.

BR. – Não sou acostumado a sofrer desejos.

DEV. – Acostuma-te por amor de mim, que os amores de seu natural são brandos, e querem-se por bem.

BR. – Arrengo destas vossas branduras, tenho-me co a guerra, onde se tudo faz por força.

DEV. – Fala mais sem paixão, que te demudas, e fazes-me haver medo.

BR. – Esse mal tenho, sou temeroso.

DEV. – O que doutra parte és mais gracioso que a

mesma graça!

BR. – Porém quando me vem esta paixão, perdoai. Se me viras no campo!

DEV. – Aí dão os homens testemunho verdadeiro de quem são.

BR. – Digo que se me lá viras! Andava mais acompanhado que o Capitão. Ele morria de enveja, e eu não morria de abafas. Conte-te já dos toques que lhe dei?

DEV. – O da Temuda?

BR. – E esse não foi mau, mas primeiro te hei-de contar doutros anjos cogidos.

DEV. – Que aramá lá fui! Cuidei de atalhar e rodeei; após estes virão os fritos, e depois os assados.

BR. – Este capitão tocava no tribo de Judá, e como disse, tinha-me grande enveja, polo qual mastigava e grosava ditos meus, que todos traziam na boca, polo qual eu a um propósito não falando mais com ele, que cos outros disse um dia: – Não se há aos súpitos de buscar a escama detrás a orelha.

DEV.–Ah! Ah! Ah!

BR. – Que houveste?

DEV. – Não é para ninguém brincar contigo, como dizem do ferro. E os outros?

BR. – Torciam-se todos. Mas quem te disse o da Temuda?

DEV. – Mil pessoas que o sabem e o contam, entre outras graças tuas. E ele mesmo foi o que mo contou;

mas que hei já de fazer?

BR. – Este mesmo Capitão trazia amores em parte que me ia nisso algũa cousa. A dama chamava-se Temuda: mas que havia o diabo de fazer? Viemo-nos ùa sonoute a encontrar em um lugar escuso. Ele rebuçouse, mas eu ao passar, disse: Para que é andar tão temudo?

DEV. – Destruíste-o. Esse homem como se não foi logo lançar num poço?

BR. – E isto em dizendo, fazendo.

DEV. – São graças naturais que Deus reparte por quem quer bem.

BR. – Não o digo por me gabar, mas quantas vezes me aconteceu não me darem somente vagar com requirimentos de cartas de amores, uns a um propósito, outros a outro?

DEV. – Quais havias por mais trabalhosas?

BR. – As primeiras.

DEV. – Como Mestre.

BR. – E assi de ùas, como de outras os começos, que depois ùa palavra leva a outra por ùa maneira nova que ora descobrimos, que tudo se vai apurando cada vez mais.

DEV. – Ficar-te-iam os treslados, que leremos sobre mesa.

BR. – Nunca os guardo, mas lembra-me um começo, e dizia assi: «Nas ondas destas lágrimas que me levam assi na sua corrente, não tem estes meus olhos outro Norte, per que se rejam, senão os teus.»

DEV. – Ai, ai, que farei? Isso não se sofre.

BR. – Outra.

DEV. – Dará cento, como relógio mal concertado.

BR. – «Os enganos, senhores da vontade, fazem o que querem de mim, e eu não quero acabar de entender o que entendo, e fico assi como em mares encruzilhados onde a força não esforça, nem governa o governalhe.»

DEV. – Busca quem te aguarde tais pancadas, que eu não posso.

BR. – Pois se quisesses que te esmiuçasse isto pelo miúdo...

DEV. – Fugirei quanto puder, tão endiabrado és por bem, como por mal.

BR. – Assi hão-de ser os homens, e não como estes frieirões, que não são peixe, nem carne. Outra: «No meo dos desejos não acho cabo, no cabo não acho meios: tal aviamento acho para o meu desaviamento, e tal esperança pera o cabo da desesperação.»

DEV. – Finalmente para esta tua navegação tudo o mais temos, a moça só nos falece: esta busquemos.

BR. – Não se pode errar, que não há outra em Palermo. Como em Palermo? como em Palermo? não há outra no mundo. Aqui a achei, aqui a perdi, aqui me perdi.

DEV. – A bom santo te encomendaste, eu te tornarei a achar.

BR. – Os cabelos como fio de ouro, os olhos verdes que eschamejavam.

DEV. – Tais que te fartaram os teus?

BR. – Mas tais que mos deixaram famintos para sempre.

DEV. – Ora corta-me este pescoço e acaba. Que mais pudera dizer um Mancias?

BR. – Pois ando para me enforcar como vês.

DEV. – Não faças por amor de mim, que é cousa de que te arrependerás.

BR. – Nunca fiz cousa de que me arrependesse.

DEV. – E eu cada dia e cada hora. Vamo-nos a jantar, ficar-nos-á tempo para os negócios.

BR. – Não o hão inda de ter prestes. Eu vou a dar pressa, e terei cuidado do teu mantimento; tu tem cuidado do meu.

DEV. – És üa fonte perenal de eloquência, nunca te acabarão de esgotar.

BR. – Pois crê-me que não anda aqui um terço de mim.

CENA II

DEVORANTE, *só*

A que tempo me Deus deparou este soldado, que não achava já aqui üa vez de água! Neste mundo tudo são começos. Foi-me bem uns dias, agora andava já às moscas. Cada tarde me assentava sobre um penedo a divisar dali o mundo, e dando ao papo como francelho

manso, olhando para onde tomaria o voo. Trabalhoso officio este nosso, que tem sempre o mantimento em mãos alheas. Muito bem me dizem dos Galegos, e tem razão, que nunca em ai falam, segundo me dizem, senão em comer e beber. Nunca se viu tão roim mundo: o dizer bem das pessoas é cousa fria e ainda desprezível, o dizer mal é perigoso. Quem quereis que tome um porto tão estreito? E por inda ser nossa mofina maior, os mancebos servidores das damas, com quem era todo nosso ganho, vieram-se-nos a fazer mais graves que seus pais. O jóias, jóias, quem tivesse bem de comer para se rir de vós! Como i não houve amores, não houve homens; com eles se foram as canas, os touros, as justas, e finalmente a liberalidade. Nós outros ficámos como sinos em castelo despovoado, tangendo às gralhas; e assi já eu era (como digo) na espinha, lembrou-se Deus de mim, e acudiu-me co este soldado apetitoso, convidador, mais vão que a mesma vaidade, nas armas um Roldão, mais feroso e mais namorado de si mesmo que Narciso. Mas a mim que se me dá? Vem da guerra, e destes seus a que chamam sacos, onde roubam a Deus e aos santos. Vós porém vede como falais, e não lhes chameis roubos, senão olhai por vós; sacos si, quantas vezes quiserdes. Quem me mete a mim com seus pontos de honra? Venha donde vier, ganhasse-o como quisesse, sou pola ventura seu confessor? Come, bebe, joga, e é de mulheres, aqueles tais são os meus homens. O mal ganhado mal se há-de despender. Vivamos todos. É de louvaminhas: farto-o

delas. Quer contar suas mentiras, aparelho os ouvidos, encho-o de vaidade, e ele a mim, que não sou tão espiritual, enche-me disso que se vende na praça. Seja nas boas horas: trato é em que ele põe dinheiro e eu palavras; dure o que durar. É enfadonho? Não há logo de ser tudo como homem quer; e de que me podem melhor servir os meus ouvidos e a minha língua, que me de ganharem de comer? A moça não vos há-de ser outra senão esta Lucrecia, para quem agora toda a cidade se embica. Guarda de escandalizar ninguém por ninguém, que as obrigações esquecem logo, as mágoas nunca. Lá se avenham, que eu não me mantenho de olhos verdes quando me veredes. A mor ciência que no mundo há assi é saber conversar cos homens; bom rosto, bom barrete, boas palavras não custam nada, e valem muito; e assi quem sabe de tudo isto faz bom barato. Os parvos dar-vos-ão antes dinheiro, e eu antes o queria. Isto não se aprende em Paris. Vou-me a comer.

CENA III

CASSIANO, *só*

Meu criado, como me sintiu em casa, dissimulou e partiu; verdadeiramente o mais certo preso é quem guarda o preso. Achei esta carta, parece-me que lhe caiu co a pressa: letra de mulher é, deve de ser da moça, quero ver o que diz: *Não sei por que folgas fazer tanto mal a ti*

e a mim. Bem me pudera esta moça também aqui meter no começo desta carta: *que te perdes e não olhas com quanta perda minha, querendo-me obrigar co isso.* Milagres são que as formosas fazem a que se não pode dar razão. *Em pago de me pesar do teu mal, queres ser causa do meu.* Mais pesa a seu aio, e mais pesará a seu pai quando o souber: *Olha que ainda se pode remediar tudo.* Não a bolsa, que trouvemos que arqueja, e tira quanto pode polo fôlego: *Disseram-me de tua parte que não querias mais que este meu desengano; aí o tens.* Que fará agora Amente senão ir-se deitar naquele mar assi desenganado? Quanto melhor remédio fora não lhe dar nunca olhos, nem ouvidos! mas isto, por boas filhas que elas sejam, não lho mandeis, que lhe manda o seu natural outra cousa. O artifício com que se já tudo diz e faz e digo em maiores casos! Mas é ele o que lá vem? Esse é. Bem sabia eu que esta carta mo havia de tornar à mão; quero-lha ir pôr onde a ache, não acabe de sair de seu siso, se isto se pode dizer por quem já não tem nenhum.

CENA IV

AMENTE, só

Não passa assi o pesar. Quam pouco há que saí daquela casa com tanto prazer, vendo-me livre de Cassiano, eis-me agora torno por mim mesmo à prisão, de que fugia, co prazer de todo perdido, e a carta pouco

menos, e mais a que tempo! quando me já não ficava outro bem, outro descanso, outra nenhũa consolação, salvo aquelas poucas regras! Cuidei que a levava no seo sobre o coração, donde a nunca tirava; ele foi o que achou menos; queria-me saltar fora do peito, fez-me tornar em sua busca. Mas é aquele Calídio? Quero-o esperar, não sei que novas trará. Co a cabeça baixa vem, não é aquele o seu costume: acabem já de me matar os amigos e os imigos.

CENA V

CALÍDIO. AMENTE

CAL. – Quem concertará tantos desconcertos?
Digo-vos que cuido e cuido, e não lhes posso achar salda.

AM. – O que ai não há, como se pode achar?

CAL. – Estes namorados não vivem senão de esperança.

AM. – Que assi são elas mui saborosas.

CAL. – Olhai que peças: Doutor honrado e rico, os dedos cheos de anéis!

AM. – Pera mal vai este conto. Calídio! Calídio!

CAL. – E o negócio está em Bertrando, tão sesudo e tão pesado.

AM. – Calídio, ouves-me? Vem cá, soubeste mais algũa nova?

CAL. – Falei com Alda.

AM. – Com Alda? e que te disse?

CAL. – Que o Doutor apertava muito o negócio.

AM. – E de Lucrecia?

CAL. – Que não trazia rosto de contente.

AM. – Oh! que farei a estes rostos, que tão asinha se mudam? Que disse de Bertrando?

CAL. – Que cala e passeia.

AM. – E a mulher?

CAL. – A ambas as mãos polo casamento.

AM. – Não é sua filha.

CAL. – Nem é ela a que há-de casar, e dá tantas razões tão sesudas. Já sabes que cousas são mulheres.

AM. – E tu já sabes que se não faz em casa senão o que elas mandam.

CAL. – Mal pecado!

AM. – Disse-te mais alguma cousa?

CAL. – Que ia em busca de Ambrósia, a velha que criou Lucrecia.

AM. – Para quê, triste de mim?

CAL. – Perguntei-lho, mas deu aos ombros.

AM. – Que suspeitava?

CAL. – Mal.

AM. – E mal será, que assi acontece as mais das vezes.

CAL. – Que pressa é esta tua, e mais para casa, donde sempre foges?

AM. – Para que queres saber mais das minhas desaventuras? Furtei-me de casa com tamanho

açodamento, que perdi aquela minha carta que sabes. Eu i adiante achei-a menos, foi-me como achar menos o coração. Torno em sua busca, deixa-me ir só.

CENA VI

DEVORANTE. CALÍDIO

DEV. – Então deixai vós frades bradar do púlpito e bracejar que não há i dias aziagos!

CAL. – Mau rosto traz, será com fome.

DEV. – Ditosos homens que se lhes crê quanto dizem.

CAL. – Andal magoado de lhe já ninguém crer cousa nenhüa.

DEV. – Que horas estas para andar inda em jejum, inda que fora dia de jejum!

CAL. – Bem me parecia que dali vinha a tosse ao gato.

DEV. – Todos fartos e cheos, então querem gracejar, que me anda o diabo atentando para fazer üa doudice: então vereis como logo todos me dão o corro, como dizem do touro.

CAL. – Pois, quanto à mingua da boa cornadura, não fique.

DEV. – Cuidei de achar já o meu soldado à mesa, e ia lambendo os beiços de antemão; senão quando eu vejo que me estava aguardando à sua porta um taverneiro,

a que sou em dívida de alguns maravedis; olhei mais, e vejo-lhe um beliquinaz ao lado. Ia-lhe a cair nas mãos. Quanto vai um homem acordado! Descobri-os d'ua légua, desviei-me então por outra rua; eu lá, alevantava-se um arroído, como barborinho em tardes de Verão: lanças, pedras, espadas, não sei como saí vivo.

CAL. – Vaso mau nunca quebra.

DEV. – Um jentar que te Deus ministra, quantas cousas te estorvam!

CAL. – Pois ainda o meu quinhão te está cá guardado.

DEV. – De que te aproveita ser sesudo antre tantos doudos? Judeu houveras de dizer, que não sesudo.

CAL. – O meu grandíssimo amigo Devorante, quanto ora folgo contigo!

DEV. – Este me direis vós a mim que não é dia aziago?

CAL. – Que é isso que assi vens de má graça? Não era esse o teu costume.

DEV. – Deixai-me passar, que não hei contigo nada.

CAL. – Que te fiz? algüa agulha ferrugenta se meteu entre nós.

DEV. – Requeiro-te da parte de Deus que me deixes ir em paz. Não sejas aqui hoje o meu pecado.

CAL. – Espera, que logo te aviarei.

DEV. – Que me queres?

CAL. – Dous toques de trovas de improvisado, que

tens nisto gracia *gratis data*.

DEV. – Não ia eu ora cuidando em aí!

CAL. – Tanto mais de improviso.

DEV.

Se és quebrado, ou se és inteiro,
que assi vás aos foles dando,
dás à cabeça escornando,
se és touro, ou velho sindeiro?

Eras pera alfeloeiro,
que vai cascavéis tocando.
Bem sei que foste apalpando,
mas não és bom chocarreiro.

CAL. – Ora o fizestes como quem és, e mais pelos
consoantes. Outra hora te convidarei. Já podes passar.

CENA VII

BRIOBRIS. DEVORANTE

BR. – Passam as horas do comer, o jentar dana-se,
grã força de negócio detém a Devorante.

DEV. – Quando me havierei eu dentro naquela casa,
que me hoje tantas cousas defendem! Mas vejo o meu
soldado.

BR. – Que detença foi esta? Houve quem te fizesse

algum desprazer?

DEV. – Já me conhecem por teu: digo-te que não querem provar como pões as mãos e o ferro.

BR. – E o fogo inda deveras de dizer.

DEV. – E o fogo também.

BR. – Que não há muito que eu chamusquei uns poucos de vilãos por um desprazer que me fizeram. Nem saberás como eu jogueto de arcabuz?

DEV. – Saibam-no teus imigos.

BR. – E dos soldados desta vossa guarda de Palermo?

DEV. – Si, de como os desbarataste.

BR. – Com ùa só palavra queres tu passar por tamanho feito?

DEV. – Isso seria, se as muitas abastassem.

BR. – Bem disseste: como és avisado!

DEV. – Vou aprendendo de ti.

BR. – E do usso tamanho e tão medonho que me dizes, pois o viste?

DEV. – Sabes que então disseram todos?

BR. – Quê, por tua vida?

DEV. – Que se apalpara o usso com o leão.

BR. – Ah! Ah! Ah! Ora nunca vi melhor dito de povo.

DEV. – Assi diz o povo que nunca viu melhor feito de um homem só.

BR. – Nem de dez.

DEV. – Nem de vinte. Ó Senhor Deus, que não

fará dizer a fome? Não sei para que foram mais polés, nem mais dados na testa: aquele é um usso manso que anda por essas ruas brincando.

BR. – Benzer-te-ias quando me visses saltar a través tão ligeiro.

DEV. – E tão airoso! Mas tu não me perguntas por nada?

BR. – Ó meu amigo grande, como quem descansa sobre ti.

DEV. – Não é para as ruas cousa de tal segredo e preço.

BR. – Entremos em casa, lá saberás maravilhas, e eu também contarei das minhas.

DEV. – O demo, diz a este que hão-de ser mentiras por mentiras.

ACTO III

CENA I

PETRÓNIO, só

Se nós outros passamos tão asinha, que podemos fazer que dure muito? *Tempus edax rerum, tuque o invidiosa vetustas, omnia consumitis.*¹ Aquela tão antiga e tão nobre cidade de Pisa em que naci, é como posta por terra, pois perdeu a sua liberdade, e os seus cidadãos espalhados pelo mundo antes que se verem servir aos Florentis seus imigos. Fizemos todos o que pudemos e o que devíamos; agora que temos de Pisa senão pardieiros e campos *ubi Troia fuit*, como diz aquele divino Poeta? A mim coube-me em sorte este Palermo, onde me magoam estas lembranças muitos anos há. Mas que farei? Sempre assi hei-de andar gemendo? Ora quem viver verá também a Florença a sua pancada, que quanto vai mais crescendo, tanto será mais cobiçada. Não se começaram em nós, nem acabarão em nós, estes jogos da fortuna. Com isto me vou consolando, os homens da minha calidade per si se hão-de curar, e senão em balde embranqueci sobre os livros: *Patria est ubicum que bene est.*² O bom jogador emenda o lança mau quanto pode co saber, por que não farei o mesmo? Fez-me o mau lança estrangeiro a estes, eu me lhe farei natural co as

boas obras, co a mansidão e co saber e mais se acabamos este casamento como cuido. Cada dia espero por meu irmão; dizem-me que é arribada ùa nau de Poente, assentar-nos-emos aqui ambos. Certo, os homens não deviam de falar nas cousas do mundo senão depois de muita infinda experiência, que, segundo o Filósofo, *est mater rerum*.³ Quantas contas tenho nesta vida feitas que me agora cumpre de riscar! O casamento, a que tantas vezes chamei cativoiro acostumado, tomo agora a ver que é cousa santíssima e necessária. Os filhos, de que tantas vezes ri c os mesmos pais de como não sabem falar, salvo nas suas graças, dei de novo volta, e acho que são todo o gosto da vida e da fazenda; e bem souberam as leis o que diziam em chamarem seus próprios herdeiros ponto alto *et de apicibus iuris*.⁴ Quanto a casar por amores, e mais nesta idade, digo nela me é mais necessário algum contentamento, quando me os outros todos vão deseparando. Que diferenças de costumes! Aqui me deram dote honrado com Lucrécia, e logo defronte em África compram as mulheres quem as quer! Parece que não é má razão. Mas vejo eu a minha criada? Si, vejo, novas teremos.

CENA II

SARGENTA. PETRÓNIO

SAR. – Duas sortes de homens há no mundo que

se possam servir, ou muito parvos, ou muito namorados, e ainda os namorados tem grande vantagem. Quanto tempo há que sirvo meu amo sem um vestido, nem ùa boa palavra, que custa menos.

PET. – Que dar de língua! Grão caso este das mulheres.

SAR. – Vem o velho e namora-se: logo fui vestida e privada.

PET. – Não a posso bem entender.

SAR. – Nunca vistes tão boa gente, nem que assi se vos deixe enganar tão levemente.

PET. – Enganar, ou como? Não hei aquela por boa palavra.

SAR. – E mais Dório fora já do trato.

PER. – Nem tratos tão pouco.

SAR. – A verdade é apanhar...

PET. – Pior que pior.

SAR. – Muitas mercês à fermosura de Lucrecia.

PET. – Todo estremeci ouvindo aquele nome; de lá deve de vir; assi com ele na boca a quero chamar. Sargenta! Sargenta!

SAR. – Ui! aquele é nosso amo! Se me ouviria? Mas ele não ouve já muito bem.

PET. – Vem cá, Sargenta, chega-te mais a mim que te quero perguntar donde vens.

SAR. – E logo te o coração disse donde?

PET. – Que maravilha! se ele sempre por lá anda.

SAR. – E a mim me parece que o vi.

PET. – Folgo com isso muito. E pois que anda a minha alma fazendo por lá?

SAR. – Espalhando torvoadas como sino de virtudes.

PET. – E parece-te que fica o céu despejado de todo?

SAR. – Limpo como um espelho.

PET. – Nem lá contra o Poente não enxergas nada?

SAR. – Ûa pouca de névoa e vento.

PET. – Dai se levantam às vezes grandes torvoadas; mas que entendeste dela?

SAR. – Muitos sisos e muitas virtudes.

PET. – De quem, Sargenta?

SÃR. – De Lucrecia.

PET. – Assi faze, nomea-ma muitas vezes.

SAR. – Nunca se tal graça viu, nem tal siso.

PET. – Tal assento, nem tal fermosura.

SAR. – O que todo mundo vê para que é dizer-te mais?

PET. – Ora vem cá, Sargenta, que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei. Ouviste algũa hora falar num mancebo espanhol, que, segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela?

SAR. – Qual? Um capa em colo, que à primeira parecia algũa cousa, já agora não terá que despende, e parece que caiu da força?

PET. – Ah! Ah! Ah! Como o pintaste tão bem!

SAR. – Cousa é isso para te somente lembrar?

PET. – A mim não, mas à Lucrecia.

SAR. – Que riso! não é isso senão para a nomeares muitas vezes.

PET. – Ao homem sesudo tudo há-de lembrar, e mais isto das idades releva muito.

SAR. – E bem, que disposição é assi a tua?

PET. – Da disposição, Deus seja louvado, não hei enveja a ninguém; a idade pola ventura¹ parecerá mais do que é cos nojos² e cos trabalhos com que se as cãs adiantam.

SAR. – Quem não sabe que as cãs não fazem velhice?

PET. – E mais, segundo o Filósofo, no casamento o homem há-de ter boa vantagem de anos à mulher.

SAR. – Muito releva o que quer o Filósofo para o que elas querem.

PET. – Ao homem é necessário mais siso e mais experiência, como quem há-de governar. Mas aqui temos Devorante. Acolhe-te, Sargenta, que este sempre anda em espreita para levar novas duns para outros.

SAR. – Que dita tamanha vir quem nos espartisse³! Não sei por que dizem tantos males da mentira. Digam o que quiserem. Como? e bom siso fora contar eu a nosso amo mui verdadeiramente donde vinha, e tudo o que fizera? Oh! que prazer para ele, e para mim que proveito! E assi co estoutra mezinha, ele fica doudo de prazer e eu vou em paz.

CENA III

DEVORANTE. PETRÓNIO

DEV. – Não haja i mais tal parvoíce, nem se enforque ninguém por paixão que lhe venha.

DEV. – De boa têmpera parece que vem.

DEV. – Como eu hoje andava, jóia! Com todos queria haver brigas. Bem dizem que fome e frio., mas o frio é vento. Esperarei quanto frio há em Alemanha; com esta capa safada não me fale ninguém em fome.

PET. – Fome, ou quê? Não é para o esperar, que se invariaria aos dentes.

DEV. – Em fim, quis-me Deus dar sofrimento; quando cheguei, achei tudo prestes. O soldado bebera já à minha revelia. Então começou a contar das suas façanhas: matou, venceu, cativou. Eu também entretanto, por não estar ocioso, dei saco à mesa.

PET. – Bem está, farto deve de vir. Saibamos novas. Onde se vai o grande meu amigo Devorante?

DEV. – Onde mais cumprir aos seus senhores e amigos.

PET. – Que novas correm?

DEV. – Muitas e pouco certas, como em Palermo acontece cada dia, salvante se é verdade üas que me deram pouco há.

PET. – Que tais, Devorante?

DEV. – Que és já dos nossos.

PET. – E isso hás por cousa nova?

DEV. – Si, que dantes tínhamos-te como emprestado.

PET. – E agora como?

DEV. – Por mais que nosso.

PJZT. – Assi quis a Fortuna!

DEV. – E o Amor também.

PET. – Ah, já te entendo, e nisso haverá mil sentenças!

DEV. – Antes a todos ouço falar por ùa boca, deixemos alguns dedos queimados fora.

PET. – Ah! ah! ah! e esses farão a mim inda mais velho, e a ela inda mais moça?

DEV. – Como que não víssemos por aqui moças sesudas e velhas doudas que farte; e se muito te cumprirem, de minha casa podes ser servido.

PET. – Eu to agradeço muito, mas por agora na praça estão às moscas.

DEV. – Tomai lá! Assi fazem, pagam ùa graça com outra!

PET. – Que dizes?

DEV. – Que tudo se acha em ti: sisos, graças e galantarias.

PET. – De ti me vem, que me alevantas os espíritos; mas, falando de siso, grandes privilégios tem as mulheres dos Doutores, se os elas entendessem.

DEV. – Que negra consolação, principalmente para as belas mal mandadas! E assi os outros homens, em

vosso respeito, certo que se podem chamar corpos sem almas.

PET. – Donde singularmente vão inferindo os nossos Doutores que se não pode doutorar um homem morto.

DEV. – Isso é certo?

PET. – Certíssimo.

DEV. – Que mais queres? Eis o que se diz de cabra morta: não diz mé.

PET. – Espantas-te? Pois nota mais que cabendo nas mulheres tão altos títulos, como é Condessas, Duquesas, Rainhas, Imperatrizes, etc., mas doutoras isso não, por mais letras que tenham.

DEV. – E essas não tem espírito?

PET. – *Subtiliter*, Devorante; mas respondendo *brevisiter*, declaro-me, que o do espírito que disse, procede *negative*, *non affirmative*.

DEV. – Todavia a mulher do cavaleiro, tão pouco se chama cavaleira, nem escudeira a do escudeiro.

PET. – Porque não são Amazonas que tragam armas e escudo; e por isso logo das nossas disse, por mais letras que saibam. Que te parece?

DEV. – Não sei, lá vos entendeis. Grande vida levais!

PET. – Assi podemos dizer co aquele nosso grande Justiniano: *Noctes ducimus insomnes* ⁵, etc.

DEV. – Pois desse vosso Justiniano não sei que eu já ouvi dizer.

PET.–E quê?

DEV. – Que não fora ele dos mais Católicos.

PET. – Oh! línguas de serpentes! escrevendo ele tão altamente de *Summa Trinitate e Fide Catholica*?

DEV. – Tão enfadonho é este e tão vão como o meu soldado, e não convida também. Que faço aqui? Mandas de mi algũa cousa mais?

PET. – Não aí senão que sou teu, eu e quanto tenho.

DEV. – Eis-me rico e bem-aventurado. Assi viva ele e assi medre. E depois sabeis que vos respondem por suas leis? Que palavras de cortesia não obrigam. Nunca tais direitos vistes. Acham que ùa só palavra obriga, e muitas não: não hajais vós medo que co estes tais eu faça muita farinha.

CENA IV

PETRÓNIO, só

Dês que homem nasce té que morre, não trata cousa de mor peso que a do seu casamento, que cada dia rematamos tão levemente. Grande feito, que se te vendem um rocim manco, ou ùa mula maliciosa, logo i são mil leis a te ajudar, e tem procuradores tanto que dizer e alegar; e na tua mulher, por quem deixamos os pais e as mães, ali nos desampara tudo, e só a morte pode ser boa. Pelo qual estive tanto tempo solteiro. Vim aqui com sós as letras, de que me a fortuna não pode roubar: co elas

me remediei, que a estes nossos direitos não se lhes pode negar o senhorio de todas as outras ciências. Os Teólogos jazem por todos esses mosteiros mendicantes, como se eles chamam. Filósofos já passaram, mal avindos uns cos outros, com suas barbas e gravidade. Poetas tudo põem em flores, polo fruto não espereis. Os Oradores nós os tiramos das suas vezes. Os Astrólogos sempre tratam do porvir, de que eles nem ninguém sabe pouco nem muito. Físicos ganham bem de comer, porém é co ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lã da porca, e antre todos estes não há um homem de negócio. Somente o Jurisconsulto é o que pode tratar e rematar dúvidas de substância. Todavia frades entremeter-se queriam, mas não tem asas com que voem, que a vontade não lhes falece. Só o Jurista pode andar co peito alto e satisfeito do seu saber, quer seja pera concertar as cousas desta vida, quer da outra. Isto é o que te relewa, e crê-me que te não busca ninguém senão o que te há mister.

CENA V

GUIDO. PETRÓNIO

GUID. – Ainda me não parece que ponho os pés em cousa firme.

PET. – Um estrangeiro vejo. Quero ver se traz novas.

GUID. – Este mar tamanho, tão bravo, tão

mudável, tão espantoso, quem ousou primeiramente de acometer?

PET. – Não sei se me engana o desejo: mas este me parece Guido, meu irmão, por que esperava.

GUID. – E mais neste tempo, em que homem que no mar entra, o menos que teme é o mesmo mar.

PET. – Sem dúvida este me parece.

GUID. – Quem sempre anda coberto de nossos inimigos e da fé.

PET. – Sem dúvida alguma este é: O meu irmão Guido, boa seja a tua vinda!

GUID. – Meu irmão e pai, és tu este?

PET. – Pois tu és vindo a salvamento, este sou, e tudo é salvo.

GUID. – Se ainda o bem soubesses, segundo se os tempos tornaram aos navegantes! Ah, pecador de mim! que bem deveram de abastar os seus males próprios de mar.

PET. – *Qui descendunt mare in navibus, viderunt opera eius* ⁶, e por isso as nossas leis seis meses do ano defendem a navegação.

GUID. – Todos doze a deveram de defender.

PET. – Inda agora vens; como estiveres em terras dous dias, tornarás outra vez a bradar pelo mar.

GUID. – Bem sei que assi somos feitos.

PET. – E todavia eu bem folgo de vires assi aborrecido destes caminhos, se não é com grande perda da fazenda.

GUID. – Tudo passou tormenta, e porém somos em Palermo, e acho-te vivo e são.

PET. – E daquela nossa minina descobriste nova algüa?

GUID. – Dir-te-ei o que pude saber. Em Serdenha achei um nosso paisano e conhecente este me contou que a vira depois em Florença e depois em Roma.

PET. – Em Roma! Ora a dá por perdida de todo!

GUID. – Não sabes que as duas partes de Florença são passadas com este seu Papa a Roma?

PET. – Não me fales naqueles clérigos tão ricos e tão ociosos, que eu não cuido que Deus, com toda sua paciência, os possa sofrer muito tempo.

GUID. – Inda então pola idade era cousa impossível.

PET. – Tanto mais feito romão.

GUID. – Contava mais que dera em Roma a peste em casa daquele mercador florentino, onde a menina estava, e que um Dom Abade seu irmão dele, homem religioso e bom, a trouxera para esta terra, onde ele tinha renda. Agora com estes sinais não te pode errar.

PET. – Daqui por diante busque-a quem quiser.

GUID. – Porquê?

PET. – Porque as mulheres não hão-de andar muitos caminhos, que são üa perigosa mercadaria: quebram como vidro.

GUID. – Em tempo de tantos trabalhos e tamanhas

mudanças, que menos se podia acontecer?

PET. – Eu to direi, perder-se de todo, que nunca dela mais soubéramos.

GUID. – Tu mo encomendaste.

PET. – Desejava de ter novas que escrever a seu pai, e essas quem lhas escreverá?

GUID. – Iremos por estes sinais mais avante, pola ventura não será o mal tanto. Tenho necessidade de repousar, que inda me a cabeça dá voltas.

PET. – Vamos, e lá te darei muitas outras contas.

ACTO IV

CENA I

CASSIANO, *só*

De me não poder mais ter às lágrimas, me saio cá pera fora. Não sei que faça a este moço: entrou desatinadamente em casa em busca de sua carta, eu dissimulei, fazendo que entendia em outras cousas; ele, como a achou, tornou em sua cor e acordo, falou, riu, finalmente jentámos em paz: mas depois que passou e cuidou, recolheu-se à câmara, ali fez suas lamentações; eu que o espreitava e que o criei não no pude sofrer mais. Venho fugindo à minha fraqueza; chore à sua vontade, e desabafará, que a sangria destes males tais, são lágrimas. Depois que chorar muito, tornará a rir. Mas que doudo é o que vem correndo? Não lhe errava eu ora muito o nome, que este é Calídio: que cabeça!

CENA II

CALÍDIO. CASSIANO

CAL. – Aparta, aparta, que provo estes meus pés para quanto são. Quero ver o que tenho neles, nas pressas se conhecem os amigos. Guarda de diante, guarda, que

vai sobre aposta.

CAS. – Isto passa já de doudice e deve ser vinho.

CAL. – Não se me ponha ninguém diante, se não quer saber como encontro.

CAS. – Ora nunca vi bêbado tão desenvolto dos pés; quero-o chamar; Calídio! Calídio!

CAL. – Aquele é Cassiano, assi somos neste mundo, e eu buscava Amente.

CAS. – O doudo, que te mingua para tirares pedras à gente?

CAL. – E disso que me mingua me pesa.

CAS. – Porquê?

CAL. – Não sabes tu aquele dito tão verdadeiro: que o homem ou havia de ser Rei ou doudo?

CAS. – Pois quanto à de doudo, eu te asseguro. Mas por que corrias assi?

CAL. – Dos doudos todos se rim, e não se espanta ninguém.

CAS. – Mal se podem rir os a que eles fazem mal.

CÃL. – E eu que mal te fiz?

CAS. – Quantos passamos em Palermo, que são muitos.

CAL. – E assi o dizes a todo mundo?

CAS. – E ainda essa má vingança não queres que tome?

CAL. – E assi o hás-de dizer a nosso amo.

CAS. – Quando será isso?

CAL. – Cedo.

CAS. – Onde?

CAL. – Nesse mesmo Palermo.

CAS. – Doudo, que nunca homem sabe quando fala de verdade!

CAL. – Agora.

CAS. – Quem to disse?

CAL. – Estes meus olhos belos.

CAS. – Em que lugar?

CAL. – Na ribeira.

CAS. – Por que o não acompanhavas?

CAL. – Vim diante a dar recado.

CAS. – Torna após mim. Vai.

CENA III

CALÍDIO, *só*

Por agora só. Folguei de me despejar deste por buscar Amente para lhe dar estas boas novas, com que haja seu conselho, que eu havido tenho o meu de apanhar os pés. Andava o triste para perder o siso e o negro casamento. Agora que fará com tal ajuda? Ai, mimosos, criados em vossos apetites, que em fim vem a ser o que não quereis crer, nem ouvir: então esmorecer! Mas pai e filho são. A mim só cumpre buscar meu remédio, e mais com tal valedor como tenho no Aio. Mas eu esta conta faço, que tão pouco tenho aqui como em Valença; bons pés tenho e arzoada língua, do mais (como dizem)

sobre a terra anda o haver. Quem sai de nossa casa?

CENA IV

AMENTE. CALÍDIO

AM. – Cassiano não aparece, nem Calídio. Onde fugirei dum, e onde acharei o outro?

CAL. – No peor não falas, que é teu pai!

AM. – Hoje co a pressa da carta não tivemos tempo.

CAL. – Cada vez se ele vai encurtando mais, Amente.

A M. – Quem me chama? *O* meu Calídio, que a ti buscava eu!

CAL. – E eu a ti!

AM. – Desviemo-nos, e vamos buscar algum lugar em que falemos à nossa vontade.

CAL. – O Amente, à nossa vontade não podemos nós falar.

AM. – Porquê, Calídio?

CAL. – Depois que me deixaste, dei comigo na ribeira, que me temia muito do mar e velava-me dele; em fim, tantas vezes fui lá, até que arrecadei.

AM. – E quê, Calídio?

CAL. – Achei novas de teu pai.

AM. – Triste de mim! é ele morto? que assi te demudaste.

CAL. – Tu e eu, Amente, somos os mortos, que ele vivo é e são.

AM. – Isso é bem.

CAL. – E dentro em Palermo.

AM.–Isso é mal.

CAL. – Não vês quão perto estava o mal do bem?

A M. – Contas-me tu verdade, Calídio?

CAL. – Muito contra minha vontade.

AM. – Que te parece desta sua vinda a tal tempo?

CAL. – A meu parecer, o Aio o mandou chamar, e assi quando lhe agora dei a nova, não duvidou dela muito.

AM. – Falaste-lhe?

CAL. – Falar dizes? Valeu-me que o vi primeiro que ele a mim. Doutra maneira (como dizem do lobo) tolhera-me a fala de todo.

AM. – Que conselho, amigo meu Calídio?

CAL. – Amente, o espaço é pouco, as palavras não podem ser muitas. Teu pai bem o conheces, há-de trazer suas contas repartidas em duas partes não iguais, convém a saber: a ti reprender-te, e a mim castigar-me. Bem sabes que se criou em Gales; aquele amor de pai que o cá traz te há-de valer, não te encomendes a outro santo. A mim é necessário encomendar-me aos meus pés. Oulá, quem é aquele? Todo homem me agora parece valenciano.

AM. – Assi me deixarias em tal desemparo?

CAL. – Tu mesmo me devias de aconselhar que fugisse, se te lembrasse o perigo em que me vês, pois é tanto mor que o teu.

AM. – Lembra mas não vês em que tempo me este mal toma?

CAL. – Se visse em que te pudesse ser bom, tudo o mais me esqueceria.

CENA V

DEVORANTE. AMENTE. CALÍDIO

DEV. – Em Doutor me falais em tempo de paz? Bem me parecia a mim que havia o negócio de dar a través.

AM. – Aquele é Devorante, que já também foi dos meus em mais bonança: todos me vos is um e um.

DEV. – Quando ele aqui veo ter de Pisa, não trazia aquela barriga, porque naquela sua terra acostumava-se então o ferro, e aqui agora costuma-se mais a pena.

AM. – Que diz?

CAL. – Mil sentidos que tevesse, todos traria ocupados com teu pai.

DEV. – Em fim, que houve de levar a moça. Agora enforcar servidores.

AM. – Entendeste?

DEV. – Mancebos barbipoentes, bem despostos. Vem um doutor velho, com os hábitos longos, e derrubalhes a lebre diante!

AM. – Parece que fala no Doutor.

DEV. – E o meu soldado mui posto em sair para

domingo com ùa invenção de labirintos por Lucrecia!

AM. – O meu coração!

DEV. – Esta noite teremos festas e cea.

AM. – Que te parece?

CAL. – Calaceiro, que nunca sonha em aí, salvo em convites!

DEV. – Fortemente atalharam a minha negociação, que eu andava por alongar, e encurtaram-ma; agora quero buscar o dos labirintos, e tirá-lo-ei daquele trabalho em que anda.

CENA VI

AMENTE. CALÍDIO

AM. – Tu vês a que termo eu sou chegado, segundo as novas que tu dúa parte e Devorante doutra me dáis? Cuidei que tinha de ti algũa necessidade; mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja: procura pola tua.

CAL. – Vós outros, mimosos, logo quereis morrer.

AM. – Não se ajuntaram embalde tantos males a um tempo.

CAL. – Tão pouca confiança tens em Lucrecia?

AM. – Ah, Calídio!

CAL. – Que ah Calídio?

AM. – Que esperança tão fraca!

CAL. – Queres dizer como de foão.

AM.–E de foão e de foão.

CAL. – Naquilo tem razão, e mais nesta terra, em que o poerão mui asinha em cantar seciliano, como dizem. Vem cá, Amente, serás homem pera me ajudares a um feito?

AM. – Em tal desesperação, que posso eu arrecear?

CAL. – Ora bem vês que esta vinda de teu pai embaraça tudo, pelo qual aqui cumpre de acudir, se queres remédio.

AM. – A maneira é a que não vejo.

CAL. – Dir-to-ei. Façamos que não conhecemos teu pai, por mais Valenciano que fale.

AM. – E em tamanha agonia podes estar gracejando?

CAL. – Não gracejo, mas antes te dou um cavalo na batalha, se tu fores pera o tomar.

AM. – E a meu Aio que lhe faremos?

CAL. – Como quê? Diremos que esse é o que faz todas estas calabreadas, e que traz este velho falso aqui com nome de teu pai, e assi não recolheremos em casa um nem outro.

AM. – Nisso bem vejo eu o erro, o remédio não o vejo.

CAL. – Eu to direi. Podemos acudir ao negócio do casamento, como dantes, e, se cumprir, diremos duas palavras ao Doutor, que não sejam de libelos dar, nem lides contestar.

AM. – Chamar-se-ão à justiça.

CAL. – Que fraco remédio uns e os outros! E

quanto ao Doutor, deixá-lo revolver seus Bártolos.

AM. – Assi que também queres que erre a Lucrécia?

CAL. – Por amor da mesma Lucrécia.

AM. – Aí quisera eu fazer por ela.

CAL. – Não pode por agora. És moço, ensina-te a acudir sempre ao mor perigo.

AM. – Não tenho rosto contra a verdade.

CAL. – Acharás logo muitos que o tenham, e ficar-te-ão com grande vantagem *in agilibus* ⁷, como dizem estes práticos.

AM. – Logo a mentira se estrema da verdade.

CAL. – Antes se vieram a parecer tanto, que cada dia se passa ùa por outra.

AM. – Triste de mim, que farei?

CAL. – Se queres conselho, nega, e se não entregate.

AM. – Como hei-de negar cousa tão sem dúvida?

CAL. – Negando (dizem eles) se faz tudo duvidoso.

A M. – Mas não se faz por isso torto do direito, nem direito do torto.

CAL. – Antes que isso se declare, um juiz é suspeito, outro ocupado, outro vagaroso. Isto não é tempo de mimos, teu pai não pode tardar.

A M. – De que me velarei em tamanho aperto?

CAL. – Do desavergonhamento sobre todas as cousas. Brada, jura, esbravea, queixa-te, chama por justiça, olha pera o Céu.

AM. – Morreu-me o coração de todo.

CAL. – A mau tempo te deixou, mal o fez contigo.

AM. – Não me ficou outra cousa, senão mãos pera me matar.

CAL. – E a mim pés pera fugir; e vê-lo que aparece!

AM. – Aquele é, não o posso esperar.

CAL. – Que fazes? onde te vás? torna, que eu era o que havia de fugir.

AM. – Perdoa-me, Calídio, e lembra-te de mim, que se não pode sofrer o rosto do pai a que tens errado.

CAL. – Foi-se e deixa-me a mim cos combates. Que farei? Que hei assi de fazer, senão ter-lhe companhia com fugir? Estes moços fouveiros são muito moles dos cascos. O homem há-de ser calejado para correr o mole e o duro. Quanto folgara de nos vermos co velho aos itens! Que nos houvera assi de fazer por justiça? Teria procurador? E nós procurador. Diria o seu? E nós o nosso. Pois inda hei-de espreitar mais deste negócio, que não estamos agora em Valença, para havermos tamanho medo a este velho, que virá enojado.

CENA VII

GALBANO. VIDAL. CALÍDIO

GAL. – Em que idade estava eu já agora, para tornar a sofrer o mar e os marinheiros!

VID. – Certo, regeste-te nisso polo amor de pai, e

não por razão.

CAL. – Aquele é Vidal, homem de bem, criado seu amigo; os outros não conheço, roim gente me parece; ùa por ùa, não vem com ele Cassiano, de que muito folgo.

GAL. – Isso assi é, mas que remédio?

Vin. – Deixá-lo lutar um pouco co a fome e frio, que eles to castigarão.

GAL. – Houve medo algum mau recado, que nesta terra aposentaram os Poetas as suas Sereas.

VID. – Já é algũa maneira de desculpa.

GAL. – Naquela idade tão cega, e sobre tudo tais conselheiros!

CAL. – Aqui somos.

VID. – Quais conselheiros?

GAL. – Os que aqui tal vida levam às minhas custas.

VID. – Coitados dos servidores! que inda hão-de fazer mais que servir?

CAL. – Oh! que homem! Sempre assi foi desenganado.

GAL. – A mim eram obrigados a servir, que não a ele.

VID. – Teu filho é já homem; e afora Cassiano, seu Aio, o officio dos outros era servir, que não aconselhar.

CAL. – Oh! bom procurador, e mais sem dinheiro! É um milagre. Aqueles outros carrancudos, não hajais vós medo que ajudem nem c'ùia só palavra. Nunca os ajude Deus.

GAL. – Ao doente não se lhe há-de fazer a vontade; e que ele por então o não conheça, depois o conhecerá e agradecerá.

CAL. – Aquele é forte ponto. Vejamos que ali responde o nosso procurador.

VID. – Nesse caso que dizes, o que jaz doente, jaz fraco, e não pode fazer mais que ameaçar neste outro põem-te logo as mãos e vingam-se.

CAL. – Isto não é já procurador, mas um pai.

GAL. – Já te disse que a mim houveram eles de ter respeito.

VID. – Estavas longe, acudiras tarde; entretanto o espancado andara espancado, o roto roto, o agravado agravado.

CAL. – E mais, que peça é andar agravado! que fogem de ti ùa légua, como de cão doente.

GAL. – Mas foi bem feito deitar assi a perder um moço tão bem principiado?

CAL. – Já se o velho assanha; assi fazem quando os atalham por razão.

VID. – Estamos em tempo em que ninguém quer ouvir conselho. Ora achas Amente vivo e são: tudo o mais se fará bem.

GAL. – Assi o queira Deus.

CAL. – Digo-vos que este Vidal me curou de todo do meu medo. A razão o velho o conhece já, do mais que me pode fazer? Sei que não estamos em Valença de Aragão.

VID. – Por aqui me disseram que pousava; não vejo a quem perguntar.

CAL. – Quero acometer o velho. Que pode ser mais?

GAL. – Cá vem um. E é ora este o bom de Calídio?

CAL. – Que é isto, milagre, ou sonho?

GAL. – De que te espantas?

CAL. – De não saber se estou em Valença, se em Palermo.

GAL. – Quero dissimular co este roim. Estais cá todos de saúde?

CAL. – Todos por agora.

GAL. – Guia pera a pousada, que venho cansado, queria repousar.

CAL. – Aqui é. Oulá, abri! Esta gente não ouve. Abri, digo!

GAL. – Em quanto este fala cos de casa, falo eu com vós outros: trazei-me este raposo diante de vós, e se revelar, entre por força.

VID. – Ah! senhor!

GAL. – Cala-te! Boa parece a sua casa, e em bom lugar.

CAL. – Dizem-me que não são cá Amente nem Cassiano, vou-me em sua busca.

GAL. – Agasalha os hóspedes primeiro.

CAL. – Não tenho com quê.

GAL. – Co a boa vontade.

CAL. – Oulá, que quer isso dizer? quereis provar

forças comigo? Olhai que chamarei por justiça: Oh! Oh!

GAL. – Tapa-lhe essa boca, Grifão, e tu, Feramonte, desapega-lhe essa mão da porta e fecha sobre ti.

ACTO V

CENA I

REINALDO, *só*

No cabo desta minha tão longa e trabalhosa jornada, quando os outros descansam, começa o mor cansaço meu, co a dúvida que tenho se acharei ùa *filha* em cuja busca venho. Até agora na minha esperança ia passando meus males. Sem ela, como passarei isso que fica de vida? O mor bem que neste mundo tive, que foi a mãe desta moça, a morte mo levou dias há, o da filha que me em seu lugar ficava, se mo também tem levado, fê-lo cruelmente comigo, que me não deixou nesta vida a que possa alevantar somente os olhos. Aquele foi o meu primeiro amor, aquele será o derradeiro. A grande dor da sua morte me lançou então de toda Itália, o desejo da filha me torna agora cá. Deixei-a encomendada a um Doutor, grande amigo meu em Pisa, onde então estudava; entretanto que aquela nobre cidade esteve em pé, sempre tinha novas; dês que ela caiu, fiquei às cegas, até agora que venho a Palermo, onde me disseram que acharia o amigo, em cuja busca ando há dias. Assi venho com tão pouca certeza, e quanto mais me vou chegando a esta minha esperança, tanto se me faz ela mais pequena! Hoje é o dia da sentença, eu apercebido venho para tudo;

todavia, ao abaixar do golpe, a carne é fraca e estremece toda. Achasse já o amigo, vê-lo-ia, e saberia da filha em que parte ma come a terra, se já lá é, e então determinarei de mim e do meu o que me parecer. Que fortes brados vem aquele homem dando! Os pés para cá o trazem, os olhos parece que lhe ficam atrás naquela casa para onde olha.

CENA II

CALÍDIO. REINALDO

CAL. – Regedores, cidadãos, homens de bem, os grandes e os pequenos todos me acudi, todos me valei, que a todos releva, se aqui há alguma lembrança de liberdade e justiça!

REIN. – Tamanhas duas cousas cuidavas tu de achar assi polas ruas?

CAL. – No meo do dia, no meo de Palermo não me ouve ninguém, não me acode ninguém!

RBIN. – Cala-te ora com teu mal.

CAL. – Que fazem aqui tantas varas de justiça?

REIN. – Que riso!

CAL. – Todo o mundo dorme?

REIN. – Dormes? tu sonhas? tu tresvalias?

CAL. – Ah! cidadãos, que todos somos escravos!

REIN. – Já vai entrando em seu acordo.

CAL. – Assi há isto de passar? Esfolou-me,

açoutou-me, matou-me! Se me a justiça não acode, acabarei de entender que faz cada um nesta terra o que lhe vem à vontade, e farei também o que me à minha mais der que faça.

REIN. – Olha não vás, como dizem, de mal em pior.

CAL. – Velho falso, dissimulado, como me acolheu! Bem empregado foi em mim. Mas vejo vir Devorante com seu soldado, a que tempo! Quando eu buscava quem houvesse de mim dó e me aconselhasse, outra gente me cumpre de buscar!

CENA III

BRIOBRIS. DEVORANTE. REINALDO

BR. – Não acharemos hoje este Doutor e faremos esta demanda mais curta que a das suas audiências.

DEV. – Nunca homem acha o que busca.

REIN. – Mande Deus não seja eu assi.

BR. – Não acabaremos com este Doutor, co este Petrónio?

REIN. – Assi se chamava aquele amigo que aqui busco.

BR. – Já revolvi toda a cidade.

DEV. – Aprenderia quando era escolar a se fazer invisível.

BR. – Cumpre-lhe logo andar sempre metido na

sua serpente.

DEV.–Ah! Ah! Ah!

BR.–Tu ris-te?

DEV. – Quem se terá às tuas graças? Mas dar-te-ia um conselho de amigo.

BR. – Que tal?

DEV. – Pois não podes alcançar o que desejas, que desejes o que podes.

BR. – Como me enfadam estes sisos, que todos trazem na boca e ninguém por obra!

REIN. – E Lucrecia havia a minha filha nome.

BR. – E senão nunca mais cingeria a espada. Onde tem este Doutor a pousada?

DEV. – Junto daquela igreja alta.

BR. – Bem está, perto tem logo outra pousada para mais dias.

DEV. – Não no hás agora de achar em casa.

BR. – Esperarei até noite, não tem onde se me acolha³

sete braços entrarei depós ele pola terra dentro, como pedra de corisco.

DEV. – Santa Bárbara Virgem, cuidai que era morto! *Pate, noster* pola alma do Doutor.

REIN. – Estou em Palermo, ouço falar em Petrónio Doutor, ouço falar em Lucrecia, que cuidarei? Quero falar ao que fica só no terreiro. Amigo, Deus te salve.

DEV. – Sejas vindo nas muitas das boas horas.

REIN. – Por cortesia, que Petrónio é um em que

faláveis?

DEV. – Por que o perguntas?

REIN. – Por bem.

DEV. – Não é natural desta terra.

REIN. – Donde veio aqui ter?

DEV. – De Pisa, nobre cidade de Toscana.

REIN. – De que idade, pouco mais ou menos?

DEV. – De arredor dos sessenta.

REIN. – Casado, ou solteiro?

DEV. – Antre ùa cousa e a outra.

REIN. – Pois a idade não é já muito para esposado.

Também faláveis em ùa Lucrécia.

DEV. – Muitas cousas quer este saber de mim. Que sei eu onde isto irá ter?

REIN. – Não me respondes?

DEV. – O outro foi que falou em Lucrécia.

REIN. – Si, mas falava em som como que a conhecias.

DEV. – Não sei mais que ouvi-la por ai gabar de fermosa.

REIN. – Natural, ou estrangeira?

DEV. – Muito anda este após as naturezas. Amigo e senhor meu, tudo saberemos, se nisso te vai algúia cousa.

REIN. – E aquele teu amigo, por que ameaçava tanto o Doutor?

DEV. – Amigo, ou como? Nunca outro tanto com ele falei como agora.

REIN. – Parecia que tinha dele algúia paixão.

DEV. – Lá se avenham co as paixões; dos prazeres queria parte, das paixões lá se avenham.

REIN. – E este teu amigo é tão merencório como parece?

DEV. – Que forte preguntador! Cuida que me tem alugado! Por pouco que me peites² eu to segurarei desta vez.

REIN. – Este me parece duns truães que sempre há nos lugares grandes. Vou-me em busca de Petrónio.

DEV. – Vistes o grande preguntador donde me agora saía de través? Que sei eu quem este é, nem que por aqui andaré espreitando? Ûa por ùa, muitas cousas queria saber de mim. Outro vejo dos mesmos trajos, vejamos se é outro tal; mas eu vos direi, o meu cabedal tudo é palavras, isso aventureiro.

CENA IV

GALBANO. DEVORANTE

GAL. – O bom Calídio partiu, não pola fria (como dizem) mas pela quente, como cuido que ele vai: vá, e leve novas aos outros.

DEV. – Velhos, e mais de má graça: não está aqui muito certo o ganho.

GAL. – De quanto bom tempo tem aqui levado, descontem.

DEV. – E sobretudo contas e descontas não me

apraz.

GAL. – Servidores todos se tem uns cos outros; não mo açoutaram bem, mas já é começo de paga.

DEV. – Dai-o ao demo, em pagas anda, e não me deve nada. Que sei se lhe deverei eu e andarás arrecadando? Mas tudo é provar. Deus te salve, senhor meu, pareces-me estrangeiro, e eu sei que cousa é andar por terras alheas: ofereço-te o meu serviço.

GAL. – Muito to agradeço.

DEV. – Tens negócio na terra?

GAL. – Não de mercadorias, como pola ventura cuidarás:

mas busco um filho mancebo, que se me perdeu por aqui.

DEV. – Terra é pera isso, mas os sinais?

GAL. – Um mancebo valenciano, que já lhe começará de vir a barba. Soía de ser gentil-homem.

DEV. – O nome?

GAL. – Amente, se o ele cá não mudou, como fez a outras cousas.

DEV. – Como? e tu és Galbano, seu pai, em que tantas vezes ouvi falar?

GAL. – Eu, por meus pecados.

DEV. – Aqui pousa, e por sinal que tem um Aio, que se chama Cassiano, e um servidor por nome Calídio.

GAL. – Conheces bem toda essa gente?

DEV. – Como minhas mãos: mas como não estão aqui contigo?

GAL. – Estamos desavindos.

DEV. – Asinha isso foi!

GAL. – Não por minha culpa, que em chegando logo convidei Calídio de boa vontade.

DEV. – Trarias frutas de Valença, que está homem pasmando de tanta gentileza e perfeição.

GAL. – Tempo foi já, tudo isso é passado a Portugal.

DEV. – Tão convidador vinhas?

GAL. – Havia muito que nos não viramos.

DEV. – Assi hão-de ser os homens da tua qualidade.
Ora dize-me: que iguarias haveis lá entre vós por mais saborosas?

GAL. – A vingança.

DEV. – Eu falo em iguarias, não em alegorias.

GAL. – Queres que te diga o claro: vinguei-me em chegando desse ladrão, que mandei açoutar. Nunca me cousa assi soube, entendeste-me?

DEV. – Agora si, isso chamo eu falar ao pé da letra.

GAL. – Ora já aquele pagou, os outros pagarão.

DEV. – Outros, ou como?

GAL. – Truães malvados, que tanto do meu aqui tem comido e bebido!

DEV. – Comigo o há.

GAL. – Mas eu vo-lo farei amargar.

DEV. – Já me a mim começa o mau sabor da boca.

GAL. – Comer, beber, jogar, franquear!

DEV. – Que mais claro quereis que um homem

fale? Com que negros convidados vou topar hoje! Quero-me acolher³ com minha honra, se puder.

GAL. – É aquele Cassiano?

DEV. – Aquele é, um bom homem. Ora me contai cos convidados, se mais aqui espero. Quantas cousas tereis ambos de falar, pois vos ainda não vistes! Quero despejar.

GAL. – Espera, cearemos todos.

DEV. – Não curo de convites.

GAL. – Que é isso, por que corres? Deve de ser algum desassisado, e deu-lhe o vento na corda. Vou-me esperar Cassiano em casa e assentar-me-ei, que inda não tive vagar.

CENA V

CASSIANO, *só*

Venho pasmado dos acontecimentos. Andando em busca de nosso amo, fui dar com Reinaldo, nosso natural, que agora também chegou. A um trouxe cá um filho perdido, ao outro ùa filha, que perdera muito há! Ó filhos desejados, e estes são os vossos descansos? Doutra parte, tendo o Doutor concertado seu casamento, chega Reinaldo e acha neste próprio dia, nesta hora, neste ponto, que Lucrecia, aquela que a todos nos tem dado tanto trabalho, é a sua própria filha, que andava buscando por mar e por terra, e sobre tudo que é afilhada do mesmo

Doutor. Assi lhe pudera ser inda mais e não se saber a tempo. O coitado que não via já o dia nem a hora, e que estava co a boca aberta para papar a moça, ficará assi co ela às moscas. E polo contrário, meu criado Amente, que lhe era já posto o cutelo na garganta, esperando só polo pregão, vem a fortuna melhor casamenteira muito que Dório, e negocea-lho tudo a pedir de boca. Que diremos às cousas deste mundo? Ûas parece que se alcançam a poder de negociação e viva diligência, outras por só dita e bom acerto. Já acharei nosso amo em casa; vou-me lá dar-lhe estas novas, e passarão as paixões e tormentas que tão armadas estavam.

CENA VI

DEVORANTE, *só*

Venho espreitando o Aio, por ver se o convidará também o velho em chegando. Como fez a Caíldio, quisera fazer a mim, mas Devorante não dorme. Como me quisera acolher aquele velho falso! Nunca se outro tal viu. Cuida que é senhor de Palermo, assi ameaça e assi assopra. Custado me houvesse do meu muito, se pegasse outras poucas ao Aio com toda sua gravidade. Ou, quem vem lá? Cuidei que me atalhavam por estoutra parte. Estes são Amente e Calíldio, e ainda não sei o que será, que este malvado tem já o seu quinhão, e andarà ajuntando mais convidados. Mas que me não vingo eu

do truão, que me assi hoje queimou o sangue? Vejamos que trovas agora faz de improviso.

CENA VII

AMENTE. CALÍDIO. DEVORANTE

AM. – Tais novas me trazes tu, Calídio, com tal rosto? Não te pude ser bom no teu mal, perdoa-me, e ajuda-me a sofrer tanto bem, que não tenho outrem com quem o parta.

CAL. – Do mal partiste comigo bem, do bem partirás mal.

AM. – Não me doe nada menos que a ti.

CAL. – Não sei, mas bem te punhas em salvo.

AM. – Lá me coube o meu quinhão.

CAL. – Mostra-me ora em ti algum sinal dos meus açoutes por este corpo.

AM. – Não teriam menos os meus, se os pudesses ver.

CAL. – Pois eu não recebo pagas invisíveis.

DEV. – Quanto que sabe este malvado! Co ele me tenho.

AM. – Assi me contas de Reinaldo, e que é Lucrecia sua filha, e filha também espiritual do Doutor?

CAL. – Assi passa.

DEV. – Um destes anda fora de si com dor, outro com ciúmes: não lhes creio nada.

AM. – Ó Calídio, amigo da minha alma, que te direi? que te darei? que te farei por tais novas, e a tal tempo?

CAL. – Outras tais alvíxaras como as de teu pai, que em fim estes são os vossos galardões.

DEV. – Ó falso, como os conheces bem!

AM. – Hei medo que me dê o miolo volta co prazer.

CAL. – E a mim co pesar.

AM. – Prometo-te que eu te agaldoe, como tal obrigação merece.

CAL. – A vós outros mais vos lembra um serviço por fazer, que cento feitos.

DEV. – Dai-o ao diabo, que inda fala a propósito.

A M. – Como se pôde desempear tal meada em tão pouco tempo!

CAL. – A verdade logo vai por diante, e foi grande ajuda a velha que hoje achei com Alda.

AM. – O Doutor estaria finado.

CAL. – Todavia ele falava.

AM. – E quê?

CAL. – Uns poucos dos seus latins.

AM. – Que tais?

CAL. – Alevantou dous dedos, nos quais repartiu seus direitos naturais e espirituais, concluindo todavia que naquele caso cabia dispensação.

AM. – Como dispensação?

CAL. – E ainda te digo que soltou ùa má palavra.

AM. – Que tal, triste de mim?

CAL. – Disse que por dinheiro não ficasse, e bateu na bolsa.

A M. – A essa não chamas tu mais que má palavra? Chamo-lhe eu mortal.

CAL. – Mas sabes quem desatou todos aqueles empeços e razões doutorais?

AM. – Quem, Calídio?

CAL. – Lucrécia.

AM. – Como?

CAL. – Disse que não queria que toda sua vida fora órfã e estrangeira; agora que lhe deixassem ir a servir aquele pai, a que tanto devia, e lográ-lo algum tempo.

A M. – Oh! feito de Lucrécia!

DEV. – Estava recolhendo novas pera o meu soldado, agora ei-las todas entornadas, que deixará logo o Doutor e há-de querer pôr toda Valença à espada.

A M. – Como pudestes saber tanta cousa em tão pouco tempo?

CAL. – Tive cuidado.

AM. – E eu terei lembrança.

CAL. – Para quando?

AM. – Bem vês tu que eu agora não posso.

CAL. – E depois não quererás.

DEV. – Evangelho! Mas por que me não vingos eu deste roim de Calídio, e que lhe tardo mais? Deus vos salve, e a ti, Calídio, prol faça.

CAL. – Passo, que falamos segredo.

DEV. – Não ias tu hoje de tão má graça, quando

trovavas de improviso.

CAL. – Nem tu de tão boa. Serão milagres do vinho.

DEV. – Isso se poderá dizer mais por ti, pois te convidaram em chegando.

CAL. – E tu em convites.

DEV. – Dura-te ainda aquela vea de trovar? Romperemos aqui um par de lanças, por festa, diante de Amente.

AM. – Deixa-o pera outra hora, Devorante, que temos aí em que entender.

DEV. – Já hei-de ver para quanto é, que não me valeu hoje co ele ereita nem sopé.

DEV.

Calídio, já eu vi outro homem
mais são das costas que ti.

Por que te torces assi?

Pulgas sei que te não comem,
vergões pode ser que si.

CAL.

Devorante que se tanja,
que se cante em Paraíso,
não é aquela a tua granja,
pois se lá fala de siso,
e não é terra de manja.

DEV. – Não valha, que não foi polos consoantes.

AM. – Não seja mais, ambos o fizestes bem.

DEV. – Tudo se faça hoje à tua vontade, e tudo seja festa.

CAL. – Donde este corvo cariçal a carniça?

DEV. – E errei hoje a tua, que foi arrezoadada.

AM. – Não lhe respondas, Calídio. E tu, Devorante, não fales mais, sob pena de te ser aquela porta cerrada em quanto aqui estivermos.

DEV. – Não me verás mais boquejar.

AM. – Ora nos vamos cear com meu pai.

DEV. – Ele mesmo me convidava, pouco há.

CAL. – Eu não vou por agora a essa casa: perdoar-me-ás.

AM. – Como? e tu só me hás-de falecer, em quem eu. tinha toda minha esperança?

DEV. – Vem cá, Calídio, dá-me essa mão, sejamos amigos, e dir-te-ei como façamos, que eu também não me fio ora muito de ninguém. Acompanhemos Amente até a porta, daí espreitaremos, e assi como veremos, assi haveremos nosso acordo. Já sabes o que se diz: não te fies, e não te enganarão.

AM. – Ditos de gente baixa e desconfiada! I comigo seguramente.

O REPRESENTADOR:

Não foram necessários rogadores, nem arengas: o filho lançou-se por terra aos pés do pai, ele cos olhos cobertos de água alevantou-o, de ùa parte e da outra as lágrimas supriram por palavras. A cea fez-se prestes. Ao Doutor e ao soldado não falecerão outros amores. As outras festas hão se de fazer em Valença de Aragão.

NOTAS

¹ «Tempo devorador das coisas, e tu, ó ciosa velhice, tudo consumes.» (Ovídio, *Metamorfoses*, XV, 234).

² «A Pátria é onde se está bem.»

³ «A experiência é a mãe das coisas.»

⁴ «E outras subtilezas do direito.»

⁵ «Levamos as noites sem dormir.»

⁶ Salmo 106.

⁷ *in agibilibus* na edição de 1595. «Nas coisas de agilidade».

Título: *Os Estrangeiros*
Francisco de Sá de Miranda
Projecto Vercial – 2001
Home Page: www.ipn.pt/literatura
E-mail: vercial@yahoo.com